

## Book Reviews

*A Era dos Desafios.*

*A Humanidade e os Dilemas de sua Permanência*

**Ives Gandra da Silva Martins**

São Paulo: Editora Quadrante, 2020.

É com grande maestria que o Professor Dr. Ives Gandra da Silva Martins, no seu mais recente livro (escrito em janeiro de 2020), *A Era dos Desafios. A Humanidade e os Dilemas de sua Permanência*, editado pela Editora Quadrante, faz um panorama detalhado sobre os desafios a serem enfrentados pela humanidade até o fim dos séculos.

No decorrer de 126 páginas, o autor nos presenteia com um verdadeiro mapeamento estruturado da seguinte forma:

- 1—Breve Introdução
- 2—Origens
- 3—O Século XIX e os Primeiros Desafios
- 4—A Revolução dos Direitos do Século XX
- 5—A Questão Jurídica
- 6—A Questão Econômica
- 7—A Questão Demográfica
- 8—A Questão Ambiental
- 9—A Questão Tecnológica
- 10—A Questão Política
- 11—O Desafio de Valores
- 12—Paz Mundial
- 13—O Estado Universal

Com o advento da pandemia do Corona vírus, destaca o agravante que se sobrepõe a todos esses desafios mencionados: o da saúde, conjugado com a necessária recuperação econômica em todo o mundo.

Fazendo uma análise otimista da História—ele que é Acadêmico da Academia Paulista de História—, evidencia a voracidade do tempo acompanhada por uma evolução constante da sociedade, nada obstante o fato de, no tempo da vida humana, estarmos em permanente conflito. Neste ponto, destaco suas próprias célebres palavras:

Pessoalmente, pelo curtíssimo período da história narrada (6.000 anos) e pelos fantásticos avanços, apesar das tragédias das guerras, entendo que a evolução está sendo muito mais rápida do que se poderia imaginar, num calendário não histórico do homem, mas histórico da vida. É que nós, homens, por vivermos muito pouco pensamos que a história se reduz aos nossos poucos anos de vida, perdendo um pouco a dimensão do tempo.<sup>1</sup>

Assim é que, partindo da origem do Universo, o autor traça uma cronologia descritiva da evolução da humanidade em diversos campos, constataando que o que distingue o ser humano dos outros animais é a sua liberdade de escolha. É, pois, a partir desta qualificada liberdade, que ele mapeia os rumos da humanidade: passando pelos grandes pensadores da Filosofia, vai de Grécia a Roma evidenciando como os usos e costumes foram moldando, no decorrer do tempo, o perfil normativo de cada região. Atravesando diversos cenários históricos, ele trata das grandes conquistas, por terra e por mar, da importância da Igreja no surgimento das universidades e no consequente desenvolvimento da cultura.

Encarando o século XIX como o período de intensas mudanças na formatação do domínio entre os povos, localizou no século XX o momento de revolução tecnológica tão intensa, que as pessoas deixaram de ser “cidadãos de um país, para serem cidadãos de todo o mundo”<sup>2</sup>.

Para pensar os desafios do século XXI, o autor transforma os capítulos de seu livro em palcos para a exposição dos mais diversos contextos, anteriormente pincelados, quais sejam: jurídico, econômico, demográfico, ambiental, tecnológico, político e de valores. À evidência, todos esses aspectos conversam entre si, pois são multifacetados. No livro, entretanto, o leitor encontrará uma análise crítica de cada um deles.

Nesta esteira, no *âmbito jurídico*, fazendo um contraponto entre o direito natural e o direito positivo, o autor deflagra a necessidade de adoção de regramentos equilibrados, tanto para regulamentar a relações entre os homens, quanto entre estes e o meio em que vivem. Neste ponto, a *questão ambiental* é intuitiva, na medida em que a conscientização a respeito de sua preservação tornou-se um imperativo para a sobrevivência humana.

---

<sup>1</sup> Página 49.

<sup>2</sup> Página 46.

O *aspecto econômico*, por sua vez, tem o núcleo do desafio sedimentado na questão tributária. O problema se intensifica com a análise da *questão demográfica*, em que o ser humano, cada vez mais, tem perdido espaço para a tecnologia. Aliás, o *aspecto tecnológico* é outro desafio que se impõe no século XXI, posto que, se por um lado ele acelera a evolução da humanidade, por outro, demanda dos indivíduos uma adaptação tão veloz quanto a rapidez da informação.

É curioso que, entretanto, a tecnologia parece só não esvaziar os espaços largamente ocupados por detentores do poder burocráticos. Isso nos remete diretamente à *questão política*, que além do desafio da burocracia, precisa encontrar um caminho para a estabilidade entre as nações. Nessa linha, o autor vai além e, ao descrever os sistemas de governo democráticos, evidencia sua predileção pelo parlamentarismo em detrimento do presidencialismo.

O último dos desafios tratado no livro é, não por acaso, o concernente aos *valores* afinal, permeia todos os demais, na medida em que carrega em seu cerne questionamentos fundamentais sobre o sentido da vida. Cumpre, neste ponto, ressaltar uma verdadeira lição transmitida pelo autor que, ao denunciar o dilema humano (felicidade individual a qualquer custo X felicidade geral a duro custo), nos passa o resumo de seu próprio exemplo de vida: “...é necessário que tenhamos consciência de que (o homem) crescerá mais ou menos rapidamente se conseguir dar sentido de vida numa dimensão não egocêntrica, mas altruísta, fazendo com que cada vida valha a pena”<sup>3</sup>.

O descortinar de todas essas peças articuladas deflagra dois temas muito caros ao autor, desde sua tenra idade: a Paz Mundial e o Estado Universal.

Assim, rememorando sua primeira infância, tendo por pano de fundo a Segunda Guerra Mundial, a autor nos traz a feliz esperança de que a humanidade abraçará a paz mundial para evitar sua autodestruição. Neste sentido, apaixonado que é pela série *Star Trek*, de Eugene Wesley Roddenberry, sua alegoria não poderia ser melhor desenhada:

Estamos navegando uma nave estelar, chamada terra. As divergências de sua tripulação e passageiros, por maiores que sejam, não podem por sua sobrevivência levar a que a nave seja destruída. Por maiores que sejam as divergências, há uma convergência: a nave Terra não pode desaparecer, tem que ser preservada estando todos os povos e governantes convencidos.<sup>4</sup>

Como se encerrasse uma peça teatral, o último ato do livro reflete, com sabedoria, a nossa pequenez já que, nas palavras do autor, integramos apenas uma “das dezenas de bilhões de galáxias do Universo”<sup>5</sup>. De forma visi-

---

<sup>3</sup> Página 150.

<sup>4</sup> Página 120.

<sup>5</sup> Página 126.

onária reconhece em tratados internacionais as sementes que frutificarão em um Estado Universal que, por sua vez, muito além da globalização, refletirá uma federação democrática de Estados. Tratar-se-á, pois, de uma consequência lógica da já desejada paz mundial.

De fato, a paz é o longínquo, mas único “final” possível para a humanidade, pois sem essa sábia esperança, parece-me que, fazendo coro com o meu caríssimo mestre, só nos restará o fim.

*Ana Regina Campos de Sica\**

---

\* Especialista em Direito Tributário pela Universidade de São Paulo – USP, em Processo Civil pelo Centro de Extensão Universitário – CEU e em Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra. Mediadora de Conflitos pelo Instituto de Mediação e Arbitragem do Brasil - IMAB. Advogada pós-graduada em Direito Público pela Universidade Anhanguera-Uniderp. Psicanalista pelo Centro de Estudos Psicanalíticos – CEP, pós-graduada em Psicoterapia Breve Psicanalítica e pós-graduanda em Psicossomática Psicanalítica pela Sedes Sapientiae.